

# Conteúdo

Prefácio xi

## Parte 3 **Objecções Teológicas**

- 3.1. Judeus não creem na Trindade. Nós acreditamos em um só Deus, não em três. 19
- 3.2. Se você alega que Jesus é Deus, então, será culpado de transformar Deus em um homem. Você é um idólatra! 31
- 3.3. Deus não tem um filho. 57
- 3.4. De acordo com a Lei (Deuteronômio 13), Jesus era um falso profeta, pois nos ensinou a seguir outros deuses (a saber, a Trindade, o que incluiria o deus Jesus); deuses que os nossos pais nunca conheceram nem adoraram. Isso faz com que todos os seus milagres sejam completamente irrelevantes para nós. 69
- 3.5. O Espírito Santo não é a suposta Terceira Pessoa da Trindade. 73
- 3.6. De acordo com Isaías 43:11, somente Deus é o nosso Salvador. Não aceitamos nem precisamos de outros salvadores. 82
- 3.7. Somos justificados pelo que fazemos, não pelo que acreditamos. O Cristianismo é a religião da fé; o Judaísmo, a religião da prática. 83
- 3.8. As Escrituras são muito claras quando nos afirmam que “Praticar justiça e integridade é mais aceitável ao Eterno que qualquer sacrifício” (Pv. 21:3). 92
- 3.9. Os profetas foram incisivos ao dizer que Deus não tinha prazer em sacrifícios de sangue. Na verdade, eles praticamente repudiaram todo o sistema sacrificial, ensinando-nos que o arrependimento e a oração eram suficientes. Os rabinos Talmúdicos simplesmente corroboraram essa verdade bíblica. 95
- 3.10. Mesmo se eu aceitar a sua premissa de que sacrifícios de sangue são extremamente importantes na Torá, a verdade é que a nossa Bíblia Hebraica — incluindo a própria Torá — fornece outros tipos de expiação, não apenas o derramamento de sangue. 126
- 3.11. De acordo com Provérbios 16:6, a bondade e a verdade fazem *expiação*. Então, quem é que precisa de sacrifícios? 147

- 3.12. É óbvio que você não entendeu o propósito do sistema sacrificial. Os sacrifícios eram exigidos apenas para pecados não intencionais. A única solução para os pecados intencionais era o arrependimento. 150
- 3.13. Mesmo se eu aceitar os seus argumentos sobre o papel central dos sacrifícios de sangue, tal importância só teve significado enquanto o Templo estava de pé. O Livro de Daniel ensina que se o Templo fosse destruído, a oração substituiria os sacrifícios. Na verdade, o Livro de Ezequiel é ainda mais incisivo, dizendo aos judeus exilados — e, portanto, sem qualquer tipo de acesso ao Templo, *mesmo que ele ainda estivesse de pé* — que o arrependimento e as boas obras são tudo o que Deus exige. 160
- 3.14. O Livro de Yoná [Jonas] quebra todos os seus argumentos sobre sacrifício e expiação, principalmente no que diz respeito aos gentios. Quando Yoná pregou sua mensagem, o povo se arrependeu e Deus o perdoou — nenhum sacrifício, nenhuma oferta de sangue. 177
- 3.15. Mesmo se eu admitir que precisamos de sangue para obter expiação, ainda assim não acreditarei em Jesus. Deus queria o sangue de animais, não de um homem. Ele nunca quis sacrifícios humanos! 178
- 3.16. Não posso acreditar que a morte de Jesus tenha pagado por meus pecados porque, de acordo com a Torá, o sangue sacrificial só cumpriria o seu propósito se fosse derramado sobre o altar, de uma forma bastante específica. Esse certamente não é o caso de Jesus. 193
- 3.17. Se a morte de Jesus representava o cumprimento do sistema sacrificial, por que, então, os profetas falaram sobre sacrifícios que serão oferecidos quando o Terceiro Templo for construído? 194
- 3.18. O conceito cristão de salvação contradiz tanto a Bíblia Hebraica quanto a tradição judaica. Os judeus não precisam ser “salvos”. 213
- 3.19. O povo judeu não precisa de um intermediário. 220
- 3.20. Os judeus não acreditam no pecado original ou na queda da humanidade. Não cremos que toda a raça humana seja pecadora. 224
- 3.21. Os judeus não precisam se arrepender. 234
- 3.22. Os judeus não creem em um Messias divino. 237
- 3.23. Os judeus não creem em um Messias sofredor. 247
- 3.24. Os judeus não creem que o Messias virá duas vezes. 259
- 3.25. O Judaísmo é uma religião saudável. Os judeus não enxergam o mundo como sendo intrinsecamente mal; não condenamos o casamento nem exigimos renúncia própria. Os cristãos, por outro lado, consideram o mundo maligno, defendem o celibato e dizem: “Negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e sofra!”. 262

- 3.26. O Cristianismo exige que os seus seguidores apresentem emoções e sentimentos antinaturais, como, por exemplo, amar os inimigos. Isso contradiz a Torá, além de ser contrário à natureza humana. 276
- 3.27. A única coisa que mantém as pessoas na fé cristã — incluindo judeus — é o medo de ir para o Inferno. 280
- 3.28. Concordo que haja muita beleza nos ensinamentos de Jesus, e acho que existem bons argumentos a favor do Cristianismo. No entanto, recuso-me a crer em uma religião que condene todas as pessoas ao Inferno — inclusive muita gente boa, moral, gentil e sensível, sem contar os incontáveis milhões de judeus religiosos, muçulmanos, hindus e budistas —, simplesmente porque não acreditam em Jesus. Não posso seguir uma religião cujo Deus tortura pessoas em terríveis chamas do abismo, por toda a eternidade, só porque não acreditaram em alguém de quem nunca ouviram falar. 285

Notas 293

Glossário 355

## Prefácio

Em novembro de 1971, quando eu ainda era um judeu adolescente de 16 anos — rebelde, arrogante, baterista, roqueiro e viciado em heroína —, encontrei algo que eu não estava procurando; o curso da minha vida nunca mais seria o mesmo. Descobri que Jesus era o Messias dos judeus! Aprendi que era sobre ele que as Escrituras Hebraicas se referiam; que ele era o caminho de Deus para a salvação, tanto de judeus como de gentios; e que, através da fé nele, minha vida poderia ser transformada — muito embora eu não quisesse ser transformado. Eu amava minha vida de pecado! Contudo, a bondade de Deus prevaleceu sobre minha maldade; em questão de semanas, eu era uma pessoa totalmente nova.

Meus pais ficaram muito empolgados — e aliviados — ao contemplarem a radical mudança em minha vida. Eu havia decaído tanto, e tão rapidamente, desde meu bar-mitsvá, aos 13 anos, que meus pais estavam profundamente preocupados. No entanto, a transformação positiva foi ainda mais radical e mais dramática do que a decadência. O único problema para meus pais — principalmente para meu pai — era que, na opinião deles, eu havia me associado a uma religião diferente. Sendo assim, meu pai, entusiasmado com a mudança em minha vida — porém, bastante desejoso de que eu retornasse às nossas tradições — levou-me ao rabino local do movimento Conservador. Estávamos no início de 1972, e ainda não havia completado 17 anos. Em vez de condenar minhas crenças, aquele rabino de 26 anos simpatizou-se comigo. Disse-me que, em sua opinião, ele não era uma pessoa tão espiritual quanto eu, porém, suas crenças eram as certas e as minhas, as erradas. A seu ver, a prática do Judaísmo — isto é, o Judaísmo Ortodoxo tradicional — era a única fé verdadeira do nosso povo. Ele sentiu que a chave para o meu caso seria conhecer alguns judeus tradicionais religiosos e bastante zelosos. E foi assim que a jornada começou!

No verão de 1973, o rabino me levou ao Brooklyn para que eu passasse uma tarde inteira com rabinos ultra-Ortodoxos. Foi uma experiência reveladora! Fiquei impressionado com a devoção e com o gentil comportamento daqueles homens, e fui bastante desafiado por sua erudição. Como poderia eu, um jovem de dezoito anos que mal conseguia ler o alfabeto hebraico, dizer-lhes o que nossos textos sagrados (escritos em hebraico), realmente significavam? Eles haviam estudado as Escrituras por toda a vida; eu me tornara um crente a menos de dois anos — muito embora, nesse ínterim, já tivesse lido toda a Bíblia cinco vezes e memorizado mais de quatro mil versículos. Mas eles haviam memorizado o original! Eu dependia de

traduções para o inglês. Com que respaldo eu poderia dizer que Jesus era, na verdade, o cumprimento das profecias de nossa Bíblia Hebraica?

Eis a minha situação: estava convicto de que minha fé era válida e de que Jesus realmente era nosso Messias, porém, não conseguia encontrar quase nenhum livro (e quase ninguém) que me ajudasse. E quando, porventura, achava alguma literatura acadêmica, sólida (produzida por cristãos), que abordasse temas como profecias Messiânicas, ela acabava sendo insensível para com as objeções judaicas tradicionais com as quais eu estava me deparando. Por outro lado, os poucos livros (livretos, na verdade) que abordavam especificamente essas objeções judaicas tinham a tendência de serem populares, curtos e desprovidos de erudição. Eu estava em um dilema!

Como é que eu poderia oferecer respostas sólidas às perguntas dos rabinos e refutar suas objeções? E quanto à minha própria consciência? Será que eu realmente conseguiria estar em paz comigo mesmo se eu falhasse em dar respostas intelectualmente consistentes ao meu próprio povo, principalmente depois de os rabinos me dizerem que se eu pudesse entender os textos originais, eu jamais creia em Jesus? Foi então que eu comecei a estudar hebraico na faculdade. Por fim, graduei-me em Língua Hebraica e dei continuidade aos meus estudos na pós-graduação, até que obtive meu doutorado em línguas semíticas. Durante os anos em que estive na faculdade e na pós-graduação, eu sempre mantive diálogo com rabinos e judeus religiosos. Às vezes, em debates públicos; às vezes, pessoalmente. Eu queria entender — sinceramente — por que meu próprio povo rejeitou Yeshua (Jesus) como Messias, e queria responder-lhes com veracidade e com amor.

Pela graça e vontade de Deus, tornei-me algo como um especialista em debates e diálogos judaicos. No final da década de 1980, meus amigos judeus Messiânicos e meus colegas começaram a perguntar-me: “Quando você vai colocar tudo isso em um livro?”. Tinha um amigo em particular, Sid Roth, que amorosamente me atormentava com a seguinte pergunta toda vez que nos encontrávamos: “Então, Mike, quando é que você vai escrever o livro?” — insinuando que tudo o mais em que eu estivesse trabalhando era de menor importância. Finalmente, em 1996, senti a urgência de priorizar o projeto e de dedicar-me inteiramente a ele. Tão logo as notícias começaram a correr, admirei-me ao perceber o interesse de muitos de meus amigos cristãos: “Quero ler seu livro e dá-lo de presente a um conhecido judeu que não crê em Jesus! Quando ele vai ficar pronto?”. Enfim, posso responder: “Agora!”. Entretanto, há uma única ressalva. Já não se trata mais de um livro, mas sim de uma série de três livros. A verdade é que havia coisa demais para cobrir e, após todo esse tempo — principalmente se levamos em consideração que não

existe obra semelhante —, penso que excessivamente detalhado é melhor do que insuficientemente detalhado.

No volume 1, lidamos com objeções gerais e históricas (cobrindo, ao todo, trinta e cinco objeções, numeradas de 1.1 a 1.19 e 2.1 a 2.16, respectivamente). Neste volume, lidaremos com objeções teológicas (vinte e oito ao todo, numeradas de 3.1 a 3.28), ao passo que no volume 3, ainda sem data de publicação no Brasil, abordaremos objeções fundamentadas em profecias Messiânicas (trinta e novo no total), objeções contra o Novo Testamento (trinta e quatro ao todo) e objeções relacionadas à lei judaica e às tradições Rabínicas (dezoito no total). Se houver demonstração de interesse suficiente por parte dos leitores, os três volumes serão, por conseguinte, lançados como uma edição de referência, de volume único, com o acréscimo de estudos especiais e notas adicionais.

As *objeções gerais* baseiam-se na ideia de que “Jesus não é para os judeus! Nossa religião é o Judaísmo, não o Cristianismo. Um judeu de verdade nunca creia em Jesus”. Já as *objeções históricas* tendem a ser mais substanciais, e lidam com o propósito da vinda do Messias (em outras palavras, a alegação de que o Messias deveria trazer paz ao mundo) ou com a “falha” da Igreja (Antissemitismo “cristão” e o presente estado da Igreja, incluindo suas divisões e escândalos). Podemos dizer que o cerne de tais objeções resume-se à seguinte premissa: “Jesus não pode ser o Messias porque é óbvio que nós não estamos na Era Messiânica”. As *objeções teológicas*, tratadas a fundo no presente volume, além de constituírem as objeções mais sérias e mais complexas de todas, mostram-nos as diferenças entre o Judaísmo tradicional e a fé judaico-Messiânica/cristã. Elas giram em torno da natureza de Deus (a Trindade, a divindade de Jesus, a pessoa do Espírito Santo etc.), da natureza da humanidade e sua conseqüente necessidade por salvação, e do pecado — principalmente no que tange aos meios para obtermos expiação. Em suma, essas objeções oferecem fundamentos para se alegar que a fé do Novo Testamento é, na verdade, uma religião totalmente nova, estrangeira, não-judaica e infiel à Bíblia Hebraica.

As *objeções Messiânicas e proféticas* surgiram pelo fato de o Judaísmo tradicional rejeitar, veementemente, aquelas clássicas passagens Messiânicas, padronizadas, consideradas como “provas proféticas” acerca de Jesus. Alega-se que elas não têm nada a ver com ele e que, na verdade, trata-se de textos mal traduzidos (manipulados) ou que foram citados fora de contexto pelos autores do Novo Testamento ou por apologistas cristãos. Argumenta-se que nenhuma das *verdadeiras* profecias Messiânicas — aquelas que de fato podem ser provadas — foram cumpridas por Jesus. Resumindo, as pessoas que fazem essas objeções estão querendo

dizer: “Nós não cremos que Jesus é o Messias porque ele nunca atingiu o padrão bíblico estabelecido para a vida e para a missão do Messias”. As *objeções contra o Novo Testamento* podem ser agrupadas em diferentes categorias: (1) o Novo Testamento cita versículos do Antigo Testamento totalmente fora de contexto e interpreta-o de maneira equivocada — algumas vezes, até cria versículos que nem existem, a fim de usá-los para “provar” suas teorias; (2) as genealogias de Jesus, fornecidas por Mateus e por Lucas, são irremediavelmente contraditórias (na melhor das hipóteses) e completamente irrelevantes; (3) o Novo Testamento está repleto de erros históricos e fatuais (principalmente o discurso de Estevão); (4) os ensinamentos de Jesus são impossíveis, perigosos e não-judaicos; e (5) o Novo Testamento é autocontraditório. Em suma: “Somente um tolo acreditaria na inspiração divina do Novo Testamento”. Por fim, as *objeções tradicionais e Rabínicas* fundamentam-se em dois pontos-chave: (1) “O Judaísmo é uma religião maravilhosa, realizadora e autossuficiente. Não há necessidade de olharmos para nenhum outro lugar”. (2) “Deus nos deu uma tradição escrita e uma tradição oral. Nós interpretamos *tudo* com base em nossa tradição oral, sem a qual a Bíblia não faz sentido”. (Para mais informações sobre o contexto histórico por trás dessas objeções, confira a introdução do volume 1).

Cada um desses seis segmentos segue um mesmo formato: (1) uma transcrição concisa da objeção; (2) uma breve resposta; e (3) um tratamento detalhado, incluindo citações de importantes fontes, quando necessário, além de considerarmos possíveis objeções contra as nossas respostas. Se você tiver interesse em uma discussão mais aprofundada de cada objeção, não deixe de conferir as notas explicativas no final do livro; elas fazem parte integral das respostas apresentadas.

Ao dedicar este volume a todos os meus irmãos judeus, crentes em Yeshua, oro para que o material apresentado aqui fortaleça a sua fé e lhe conceda as ferramentas necessárias para, de uma vez por todas, por um fim às objeções que têm sido levantadas contra a nossa fé no decorrer dos séculos. Tenho certeza, também, de que muitos leitores cristãos — teólogos e estudiosos da Bíblia em geral — encontrarão, aqui, recursos espirituais e acadêmicos de grande valia, incluindo importantes conceitos judaicos que trarão esclarecimento para o contexto original de doutrinas que tanto prezam.

A todo leitor judeu que ainda não crê em Yeshua (Jesus), peço que estude o presente volume honesta e cuidadosamente, sempre com uma Bíblia em mãos (de preferência, uma edição inteiramente hebraica). Enquanto estiver lendo, faça esta simples oração que o salmista recitou há mais de dois mil e quinhentos anos: “Desvenda meus olhos para que eu possa perceber as maravilhas de Tua Torá”

(Sl. 119:18). O Eterno responderá a sua oração! Cada palavra deste livro foi destinada a você, meu irmão judeu, e seu eu puder, de alguma forma, ajudá-lo em sua busca pela verdade, não hesite em contatar-me. Que comece a jornada!

Uma nota sobre as citações e fontes: a Literatura Rabínica é citada de acordo com a convenção padrão (e.g. a letra “m.” antes de uma fonte Rabínica significa “Mishná”; “b.” refere-se ao “Talmud Babilônico”; “y.” refere-se ao “Talmud de Jerusalém”; e “t.” refere-se à “Toseftá”). Quando houver diferença na numeração dos versículos bíblicos, entre traduções judaicas e cristãs, a numeração judaica encontrar-se-á entre colchetes (e.g. Is. 9:6[5]). Tenha em mente, no entanto, que o conteúdo dos versículos é idêntico; apenas a numeração é diferente. Da mesma forma, com o fim de adotar as convenções estilísticas da editora, todas as referências à divindade encontram-se em caixa baixa. Termos como *Primeiro Templo*, *Rabínico(a)* e *Messiânico(a)* foram escritos em caixa alta propositalmente, a fim de estarem em harmonia com as convenções judaicas mais conhecidas.